CRESCIMENTO E COMPETITIVIDADE

Desaceleração da atividade e crescimento da oferta de importados marcaram 2011

Robson Gonçalves e Ana Maria Castelo

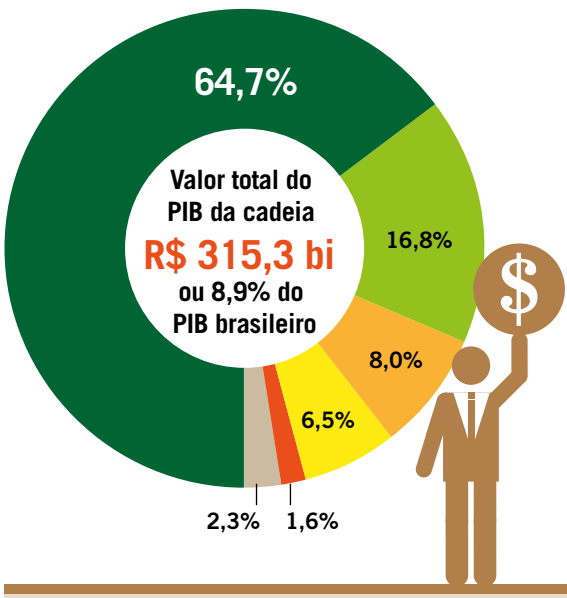
Os números da cadeia produtiva da construção de 2011, elaborados pela **FGV** em parceria com a Associação Brasileira de Materiais de Construção (Abramat), mostram que a cadeia continuou avançando e passou a responder por uma parcela maior do PIB brasileiro: 8,9% ante 8,2% em 2009. Ou seja, mesmo numa perspectiva mais modesta de crescimento, a construção se manteve como um dos motores da economia, sustentando uma taxa superior à do crescimento do PIB.

Nem todos os elos reduziram o ritmo de expansão da mesma forma. O comércio de materiais de construção, favorecido pelo crédito e renda das famílias, cresceu acima dos demais. Os empresários da indústria, por sua vez, viram surgir um

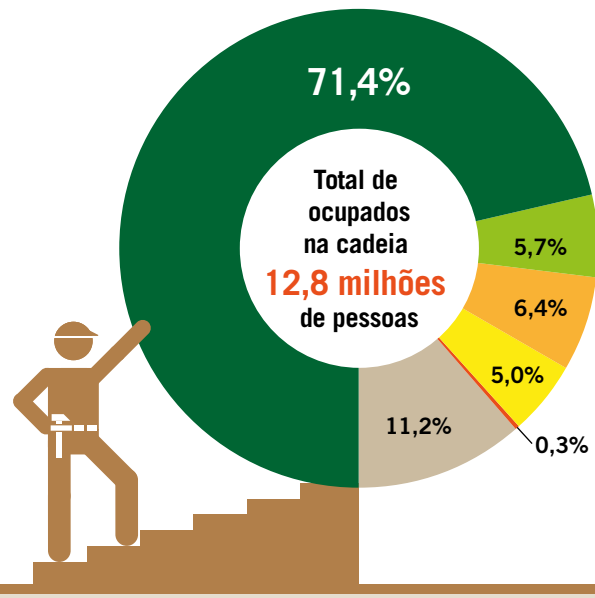
OS NÚMEROS DA CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO

Construção | Indústria de materiais | Comércio de materiais | Serviços | Máquinas e equipamentos | Outros fornecedores

PIB , 2011



Pessoal ocupado, 2011



Composição das compras das construtoras

Valor das compras 69,97 bilhões



13.093	14.475	36.581	5.822
Do Varejo	Do Atacado	Da Indústria	Importação

Fonte: FGV/Abramat

descompasso entre o desempenho do setor e o das construtoras e do comércio. A concorrência com os produtos importados intensificou-se, expondo a perda de competitividade determinada por dificuldades com o elevado custo da mão de obra, a infraestrutura deficiente e o câmbio valorizado.

Números

Em 2011, a cadeia produtiva da construção civil adicionou R$ 315,3 bilhões ao PIB brasileiro e respondeu por 12,8 milhões de ocupações, o que representou 8,9% do PIB do país. O setor da construção civil gerou a maior parcela do valor agregado – R$ 204,1 bilhões, ou 65% do PIB de toda a cadeia, e foi responsável pelo maior número de ocupações, 9,2 milhões, ou 71,4% do total de pessoas da cadeia.

A indústria de materiais representou a segunda principal contribuição ao PIB da cadeia, somando R$ 53,1 bilhões, ou 16,8% da cadeia. Os produtores de máquinas e equipamentos, por sua vez, geraram valor da ordem de R$ 5,2 bilhões. Assim os dois segmentos responderam por 18,5% do PIB da cadeia e criaram 773 mil ocupações. As atividades de comércio de materiais e serviços responderam por 8,0% e 6,5% do PIB da cadeia, respectivamente.

Os números de 2011 revelaram também que quase 60% das vendas da indústria de materiais tiveram como destino o comércio (atacado e varejo) e pouco mais de 31,4% teve como destino direto as construtoras. Estas, por sua vez, compram mais da metade dos materiais que utilizam da indústria. Mas parcela não desprezível de suas compras são feitas no atacado (20,7%) e mesmo no varejo (18,7%), caso típico das pequenas empresas de construção e reforma.

Nova dinâmica

Depois do desempenho excepcional de 2010, quando o setor da construção chegou muito próximo de atingir os limites físicos de disponibilidade de equipamentos e mão de obra, uma desaceleração foi percebida em todos os elos da cadeia da construção. Na comparação com 2010, o PIB da cadeia registrou crescimento de 11,3% em termos nominais, ou de 3,3%, considerando o aumento dos preços setoriais. Ainda assim, a geração de empregos se manteve bastante expressiva, com mais de 830 mil pessoas assumindo novos postos. Por outro lado, o número representa uma redução de quase 60% na comparação com 2010, quando o total de ocupados aumentou em 1,992 milhão de pessoas.

A cadeia produtiva da construção civil adicionou R$ 315,3 bilhões ao PIB brasileiro e respondeu por 12,8 milhões de ocupações

O setor da construção civil, núcleo que determina a demanda dos demais elos, respondeu por parte importante da diminuição da taxa de crescimento em 2011. O setor, que experimentou expansão real de 17,2% em 2010, teve taxa de crescimento de 3,8% em 2011. Alguns fatores contribuíram para esse cenário de menor crescimento, como o andar mais lento de contratações da segunda fase do Programa Minha Casa Minha Vida e a redução das despesas de investimento do governo federal.

A indústria de materiais sofreu duplamente com a redução do crescimento das empresas de construção e com a maior penetração das importações. A taxa de crescimento real, ou seja, corrigida pela inflação setorial, caiu de 18,5% em 2010 para 4,6% em 2011. Com esse desempenho, considerando os números a preços de 2011, o valor adicionado pela indústria de materiais superou o patamar alcançado em 2008. O total de ocupados pela indústria de materiais cresceu pouco menos 4%. A indústria de máquinas e equipamentos, por sua vez, refletiu os efeitos da valorização cambial e do aumento das importações de forma mais intensa. O valor adicionado registrou crescimento real de apenas 1%, resultado que não permitiu ao setor recuperar o patamar de 2008. Nos setores de comércio de materiais e de serviços da construção, o aumento real do valor adicionado foi de 4,9% e 3,5%, respectivamente.

Competitividade

Descontada a elevação de preços setoriais, as vendas da indústria de materiais e equipamentos para construção registraram desaceleração em 2011 na comparação com 2010, passando de 14,8% para 5,1%. O avanço das importações foi responsável por parcela importante da perda de dinamismo setorial. O processo de valorização cambial amplificou a concorrência dos importados.

Vale lembrar que o saldo comercial da indústria brasileira de materiais de construção foi revertido abruptamente em 2010. Os saldos positivos registrados até 2009 se transformaram em déficit de quase US$ 710 milhões no ano seguinte, movimento que se aprofundou em 2011. Considerando o período 2008 a 2011, a reversão do saldo comercial foi de US$ 1,9 bilhão. Nesse período, o valor das importações avançou US$ 1,6 bilhão em termos acumulados, o que resultou em crescimento médio anual de 15,5%. As exportações recuaram US$ 272 milhões, o equivalente a 2,5% de queda anual em média.

Como conseqüência dessa dinâmica, assistiu-se à alta do coeficiente de penetração dos produtos importados, isto é, da parcela dos importados na oferta local. No caso da indústria de transformação, as importações representavam 12% da oferta total em 2005, coeficiente que chegou a 17,3% em 2008 e 20,4% em 2011. No caso da indústria de materiais de construção, esse coeficiente passou de 4% em 2005 para 5,2% em 2008, chegando a 6,2% 2011.